

O conhecimento prévio do aluno: um alicerce para a aprendizagem significativa de língua estrangeira

Any Lamb Fenner

UNIOESTE

Alcione Tereza Corbari

UNIOESTE

RESUMO: Este artigo tem como objetivo central promover uma reflexão sobre as implicações da inserção de uma língua estrangeira no currículo escolar, em especial sobre a necessidade e a importância de se considerar os conhecimentos prévios do aluno (lingüísticos e de mundo). Uma revisão da literatura que trata do ensino de língua estrangeira revela a importância de se inserir um idioma estrangeiro no cotidiano escolar. Mas, para que os objetivos que se propõe para essa disciplina sejam garantidos, é preciso que o contexto sócio-cultural do aluno, suas experiências e seus conhecimentos sejam considerados como uma base de sustentação para a aquisição de novos conhecimentos, para que ocorra uma aprendizagem significativa. Embora esse não seja o único fator necessário para que o ensino de língua estrangeira tenha “sucesso”, pode auxiliar de forma considerável para a construção de uma base real de conhecimento lingüístico e na formação integral do educando, conforme propõem as teorias que sustentam o ensino de língua estrangeira para a escola pública.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua estrangeira; conhecimento prévio do educando.

ABSTRACT: The aim of this article is to promote a reflection on the implications of the insertion of a foreign language in the school curriculum, in special on the necessity and the importance of considering the previous knowledge the student has about the language and the world. A revision of the literature that deals with the education of foreign language reveals the importance of inserting a foreign language in the routine of the school. But, so that the objectives that is considered for this discipline are guaranteed it is necessary that the social-cultural context of the student, their experiences and their knowledge are considered as a base of supporting for the acquisition of new knowledge, so that occurs a significant learning. Although this is not the only necessary reason that the education of foreign language has “success”. It can help in a considerable way for the construction of a real base of linguistic knowledge and in the integral formation of the student, as they consider the theories that support the education of foreign language for the public school.

KEY-WORDS: teaching foreign language; student’s previous knowledge.

INTRODUÇÃO

O conhecimento de uma língua estrangeira, especialmente a língua inglesa, está sendo cada vez mais difundido e exigido em muitas ocasiões na sociedade contemporânea. Nesse contexto, a escola desempenha papel importante, que é o ensino dessa segunda língua. Porém, sua função vai muito além de atender a propósitos utilitários da língua em questão. Ao ensinar uma língua estrangeira, é preciso levar em conta também os propósitos educacionais, como, por exemplo, possibilitar ao aluno melhorar a compreensão que tem do mundo e da sua própria atuação como indivíduo inserido em determinada sociedade e melhorar seu desenvolvimento lingüístico na própria língua materna.

I. A IMPORTÂNCIA DE SE ENSINAR UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA NA ESCOLA SEGUNDO OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs) E O CURRÍCULO BÁSICO

São várias as literaturas que apontam razões, objetivos e necessidades de se inserir um idioma estrangeiro no currículo escolar. Dentre elas, é importante retomar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Estrangeira e o Currículo Básico para a escola pública do Paraná por serem os referenciais teóricos mais conhecidos dos professores de língua estrangeira.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) consideram que a inclusão de uma área do conhecimento no currículo escolar deve ser determinada, entre outros fatores, pela função que essa área desempenha na sociedade. Em relação a uma língua estrangeira, isso requer uma reflexão sobre o seu uso efetivo pela população. Assim, dependendo do contexto, os critérios para a inclusão de uma língua estrangeira no currículo podem ser de diversas naturezas, principalmente em se tratando de um país da dimensão do nosso, em que há uma diversidade de realidades. Os PCNs apontam três critérios principais: a) fatores históricos, ou seja, relacionados ao papel que uma língua específica apresenta em certos momentos da história da humanidade; b) fatores relativos às comunidades locais, em que ocorre a convivência com grupos de imigrantes ou de indígenas; e c) fatores relativos à tradição, referentes às relações culturais entre países.

Segundo os PCNs, o ensino de uma língua estrangeira não é só necessária por ser um direito, assegurado por lei, de todo cidadão. Mais do que isso, é necessário na medida em que este estudo garante ao aluno o seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Desta prática resulta a capacidade do aluno com relação a sua autopercepção como ser humano e cidadão, pois, ao entender o outro e sua cultura, através da aprendizagem da língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um

mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social.

Pode-se dizer que essa mesma premissa é defendida pelo Currículo Básico, já que neste documento a língua é vista como um elemento básico da vida social, sem a qual nenhum tipo de organização seria possível, sem a qual não haveria transmissão e acúmulo de conhecimento. Ao entrar em contato com a língua do outro, e conseqüentemente com a cultura do outro, o aluno pode se posicionar, reconhecendo situação geográfica, econômica e cultural de seu próprio país, enxergando e respeitando as diferenças entre as duas culturas.

Assim, para ambos os documentos analisados, ensinar uma língua estrangeira é permitir uma abertura para um mundo desconhecido, contato este que não deve ter somente caráter utilitário, mas fazer parte da formação geral do aluno. Espera-se que, após este contato com a cultura do outro, o aluno seja capaz de ler a sua cultura e a cultura do outro com olhos mais atentos, críticos, desmistificadores, mudando a visão estereotipada que porventura tenha a respeito do outro e de si mesmo.

Assim, se as propostas apresentadas entendem a linguagem como uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história, o objetivo do ensino de uma língua, tanto a materna como uma língua estrangeira, não pode se resumir ao ato de aprender palavras. É preciso também entender os seus significados culturais, pelos quais as pessoas do seu meio social e do meio social do outro entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Ao defender essas idéias, fica claro que o ensino de língua estrangeira é, pelo menos na teoria, uma forma de libertação. Nos PCNs está expressa a concepção freireana de educação, aplicando-a ao ensino de Língua Estrangeira: uma língua que concorra para o desenvolvimento individual e social pode ser também entendida como força libertadora, tanto em termos culturais quanto profissionais.

2. DO CONHECIMENTO PRÉVIO DO ALUNO AO CONHECIMENTO DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Tanto o Currículo Básico quanto os PCNs admitem que, no contexto atual, a escola pública não tem condições de garantir ao estudante o domínio das quatro habilidades (ler, escrever, falar, ouvir) de uma língua estrangeira. Assim, esses documentos defendem a idéia de que o professor deve trabalhar com textos e possibilitar o desenvolvimento, primordialmente, da habilidade de leitura.

Conforme Lopes (1996), a leitura é a única habilidade que atende às necessidades educacionais e que o aprendiz pode usar em seu próprio meio

(propósito utilitário e educacional); é a única habilidade que o aprendiz pode continuar a usar autonomamente ao término do curso; aprender a ler em língua estrangeira ajuda no desenvolvimento da habilidade da leitura em língua materna. Além disso, esse autor acredita que, por meio da leitura em uma língua estrangeira, o aluno pode ser exposto a visões diferentes do mundo, de sua própria cultura e de si mesmo e, enfim, que a leitura em língua estrangeira pode auxiliar no desenvolvimento da capacidade de letramento global do aluno.

O Currículo Básico também defende a idéia de se enfatizar a leitura, mas alerta para o fato de que os textos usados para o ensino de língua estrangeira não podem ser criados para satisfazer as necessidades pedagógicas de ensinar metalinguagem, promovendo uma prática fictícia e um discurso criado pelo próprio sistema educacional, válido somente dentro dos seus limites.

Nessa perspectiva, é necessário que se apresente ao aluno diferentes situações de comunicação real de escrita, mostrando as várias formas de discurso que compõe a língua dentro de uma sociedade, o que, conforme Bakhtin (1992), deve ser o objetivo do ensino de uma língua. Exercícios metalingüísticos com fins puramente pedagógicos que não levem em conta a língua viva resultam numa artificialidade que exclui da sala de aula os diferentes modos de discurso.

No caso do ensino de uma língua estrangeira, esse problema é ainda maior, uma vez que o aluno está completamente distanciado da realidade viva da língua a ser ensinada e também distante de sua realidade cotidiana.

Considerando essa dificuldade, propõe-se que o ensino de língua estrangeira esteja ancorado no universo do aluno, sua maneira de se expressar, suas referências culturais, os conhecimentos prévios que traz para a escola, tanto de mundo quanto lingüísticos.

A estrutura lingüística e fonética de uma língua estrangeira pode ser bastante “estranha” ao aluno, como é o caso da língua inglesa. Assim, sugere-se que o professor aproveite os conhecimentos que o aluno tem da própria língua para ensinar a língua estrangeira. Como exemplificação, pode-se citar a utilização de vocábulos mais apropriados, optando-se por trabalhos com cognatos na medida do possível. Outro exemplo é o uso de palavras estrangeiras já incorporadas à língua materna ou com as quais os alunos têm contato por meio de música, dos rótulos de produtos que usa etc. No caso da língua inglesa, o número de palavras estrangeiras que estão presentes no dia-a-dia do aluno é cada vez maior.

Mas essas palavras não podem ser destituídas de significado; ao contrário, os textos devem privilegiar temas relacionados ao contexto social e cultural do aluno, já que o conteúdo lingüístico apresenta-se “estranho” e a dificuldade é maior quando ambos, significado e forma, são “estrangeiros” ao aprendiz.

Nesse sentido, pequenos textos sobre os hábitos e costumes da comunidade, tais como os produzidos por Lamb Fenner & Corbari (2004) sobre a “polenta” e o “chimarrão”, revestem-se de grande importância na aproximação da língua estrangeira à realidade local. Conforme os PCNs, é importante abordar o conhecimento a partir de situações relacionadas ao meio imediato do aluno, apoiando-se “em textos orais e escritos que tratem de conhecimento de mundo com o qual já esteja familiarizados”(BRASIL, 1998, p. 33).

É importante citar aqui também os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos por professores e acadêmicos do curso de Letras da Unioeste/Cascavel que abordam assuntos veiculados à região Oeste do Paraná no ensino de língua inglesa. Ao serem elaborados materiais para esse projeto, são levadas em conta as reflexões brotadas das leituras de mundo, a necessidade de contextualização do conhecimento, a integração com as diversas áreas do conhecimento e a interação do aluno com o seu meio de convívio (LAMB FENNER & CORBARI, 2004). Esse trabalho está ancorado nas reflexões de Paulo Freire (2003), que defendem que a leitura fundamental é a leitura da realidade e que a escola precisa trazer para a sala de aula palavras carregadas de significação da experiência existencial do educando.

Essa opção por textos que abordam o contexto sócio-cultural do aluno pode favorecer uma ampliação de uma consciência cidadã, por meio do conhecimento das similitudes e diferenças entre as várias culturas. A constatação de que os fatos sempre ocorrem dentro de um contexto determinado, a aproximação das situações de aprendizagem à realidade pessoal e cotidiana dos estudantes, entre outros fatores, permitem estabelecer, de maneira clara, vários tipos de relações entre as línguas estrangeiras e as demais disciplinas que integram a área (BRASIL, 1998). É por essa razão que a aprendizagem de língua estrangeira tem uma função educativa semelhante a outras disciplinas do currículo, não podendo ser concebida como um mero apêndice do currículo, sem outra função que não a de abordar certas estruturas lingüísticas de uma língua, de uma forma isolada e descontextualizada (LAMB FENNER & CORBARI, 2003).

De acordo com Vygotsky (2000), toda aprendizagem se processa de acordo com o contexto social em que o indivíduo está inserido. Segundo o autor, “o aprendizado das crianças começa muito antes de elas freqüentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia” (VYGOTSKY, 2000, p. 210).

Acredita-se, enfim, que o ensino adquire valor na medida em que se liga a conteúdos vinculados a uma realidade concreta, significativa, conteúdos que suscitem a curiosidade, o interesse, e que gerem relações entre o conhecimento já familiar com o novo. Sendo assim, os alunos, ao se defrontarem com palavras ou expressões novas, irão automaticamente “filtrar” as novas informações, buscando uma correlação para conferir, acrescentar ao “mundo” já familiar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num momento de reorganização das diretrizes curriculares do Paraná, é importante trazer à tona discussões como as propostas nesse artigo, as quais devem ser incorporadas pelos professores de língua estrangeira como uma prática constante. Para que a aprendizagem escolar seja significativa e cause impacto positivo no crescimento de quem passa pela escola, é necessário que os conteúdos sejam significativos para quem aprende, com possibilidades de relacioná-lo com a realidade. Não é possível haver compreensão quando o elemento de conhecimento não é, de alguma forma, significativo para o aprendiz.

É o professor quem toma a iniciativa de escolhas e, analisando as necessidades dos alunos, pode planejar o desenvolvimento, aprofundamento e inter-relação dos conhecimentos. A análise dos saberes, das necessidades dos alunos e do entorno social fornece os dados básicos para a intervenção pedagógica, a organização curricular, a escolha da metodologia, do material didático e das formas de avaliação.

É importante ressaltar que a sugestão de se trabalhar um conteúdo que se aproxime tanto quanto possível da realidade do aluno não nega a importância de apresentar a ele a realidade do "outro". Ao contrário, pensa-se que a exposição a uma língua estrangeira com base nos conhecimentos que o aluno já tem pode levá-lo, gradativamente, à exposição de visões diferentes do mundo e de sua própria cultura. Isso porque o ensino de uma língua estrangeira é visto não apenas como um importante fator de desenvolvimento intelectual, mas também como uma possibilidade de ampliar o mundo geográfico, histórico-social e também humano do educando.

O conhecimento prévio do aluno é apontado como um ponto de partida, não como limite de chegada. Propõe-se que os conteúdos sejam adaptados ao nível da experiência lingüística dos alunos e do conhecimento que têm do mundo. Numa gradação de complexidade, elementos lingüísticos e culturais relativos à língua estrangeira são apresentados, e o aluno une seu conhecimento prévio e incorpora outros, ao mesmo tempo em que vai percebendo os significados embutidos no texto. Essa compreensão só é possível se o professor não estiver preocupado simplesmente com o ensino metalingüístico. Com isso, é possível permitir uma abertura para um mundo desconhecido, e esse contato não deve ter somente caráter utilitário, mas fazer parte da formação geral do aluno.

Ao fazer esse trabalho, o professor estará colaborando para o desenvolvimento individual e social, e, com isso, aplicando no ensino da língua estrangeira o conceito freireano de educação como força libertadora.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- LAMB FENNER, Any & CORBARI, Clarice Cristina. *Experiências Pedagógicas com o Ensino de Língua Inglesa. XII ENDIPE*. Curitiba, 2004, CD-ROM.
- _____. O estranho convivendo com o familiar – língua estrangeira. *Anais do II Seminário de Literatura e História e da XVI Semana Acadêmica de Letras*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Oficina de Lingüística aplicada*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná*. Curitiba, SEED, 1990.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. 6. ed. SP: Martins Fontes, 2000.